

TOTALIDADE ÀS AVESSAS: O PAI GORIOT COMO ROMANCE DE (DES)FORMAÇÃO

Paulo Fernando Silva Amaral (mestrando em filosofia pela USP)

RESUMO

A partir da caracterização do romance e da tipologia da forma romanesca, apresentada por Georg Lukács (1885-1971) em *A Teoria do Romance* (1920), analisaremos a obra *O Pai Goriot* (1835), de Honoré de Balzac (1799-1850), através de algumas passagens e cenas particulares, sobretudo a relação estabelecida entre os personagens Eugène de Rastignac e Vautrin. Aventamos a hipótese inicial de lidarmos, especificamente no percurso de Rastignac, com um *romance de formação* sobreposto ao idealismo abstrato, este representado pelo pai Goriot. Para este fim, apresentamos brevemente o que foi conceituado como romance de formação. Já num segundo passo, lançamos a hipótese de existir na referida obra uma *formação às avessas*, cujo desenlace final inverte a tradição. Tal inversão deve ser lida, sustentamos, na própria forma da sociedade francesa pós-napoleônica e na estrutura capitalista que a rege.

Palavras-chave: Lukács; teoria do romance; Balzac; romance de formação.

INVERTED TOTALITY: *FATHER GORIOT* AS NOVEL OF (DE)FORMATION

ABSTRACT

Based on the characterization of the novel and on the typology of the novelistic form, presented by Georg Lukács (1885-1971) in *The Theory of the Novel* (1920), we seek to analyze one of Balzac's masterpiece *Father Goriot* (1835), through some particular passages and scenes, especially the relationship developed between Eugène de Rastignac and Vautrin. We suggest as an initial hypothesis that we deal, specifically in the formation journey of Rastignac, with a *Bildungsroman* that imposes itself despite the abstract idealism, represented by the character father Goriot. To this end, we briefly present the fundamental concepts of what would be a novel of formation or *Bildungsroman*. In a second step, we would like to work on the hypothesis of having an inverted novel of formation in the referred novel, the final outcome of which has a reversed sign in relation to traditional ones. This inversion can be read, we suggest, in the form of post-Napoleonic French society and in the capitalist structure that rules it.

Keywords: Lukács; theory of the novel; Balzac; Bildungsroman.

O presente artigo busca mostrar em que sentido o romance *O pai Goriot* (1835) pode ser lido como um romance de formação, cujo desenlace final, no entanto, tem o sinal invertido em relação à tradição do gênero, expondo, dessa forma, a formação ziguezagueante de um herói, Eugène de Rastignac, em uma sociedade parisiense que elege a avareza e a corrupção como valores dinamizadores das relações sociais. Valores estes a serem duramente aprendidos e interiorizados pelo herói, tudo isso mediante o poder dominador que o dinheiro ganha ao longo de seu percurso. Para tanto, utilizaremos a tipologia lukácsiana do romance, apresentada em sua *A Teoria do Romance* (1920), problematizando a caracterização do romance em questão como idealismo abstrato e sustentando a ideia de uma possível sobreposição de formas típicas na mesma obra. Em seguida, apresentaremos o conceito de romance de formação com o intuito de melhor caracterizar o personagem de Eugène e o seu percurso de aprendizado. Por fim, argumentaremos como a formação e a inserção do herói na totalidade apreendida difere, radicalmente, daquela tradicionalmente apresentada.

TIPOLOGIA LUKACSIANA DO ROMANCE

A diretriz fundamental de *A Teoria do Romance*, de Georg Lukács (1885-1971), é a relação alma/mundo instituída sobre os heróis. O autor toma como parâmetro crítico o já extinto herói épico, proveniente do que ele chama de civilização de “culturas fechadas”, a Grécia antiga, onde alma e mundo estão em plena harmonia e se equivalem de tal modo que a alma se reconhece no mundo e o mundo na alma do herói épico, já que o sentido da ação do mesmo é dado *a priori*.

Em oposição a tal mundo, o herói do gênero romance é necessariamente problemático, posto que, lembra-nos Lukács, o “nosso mundo tornou-se infinitamente grande e (...) mais rico em dádivas e perigos que o grego, mas essa riqueza suprime o sentido positivo e depositário de suas vidas: a totalidade” (LUKÁCS, 2009, p. 31). O herói deve então buscar aquele sentido de reconhecimento do todo *a priori*, agora perdido; dessa maneira, a totalidade não mais harmônica da relação alma-mundo e o percurso da busca em meio a um mundo fragmentado dão forma ao romance: “o romance é a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do

sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade” (*ibid.*, p. 55)¹.

É justamente a partir desta alteração que os tipos de romance do esquematismo lukacsiano são fundamentados: esquema bipartite derivado da inadequação entre alma e mundo onde, grosso modo, a alma do herói “é mais estreita ou mais ampla que o mundo exterior que lhe é dado como palco e substrato de seus atos” (*ibid.*, p. 99). Neste arranjo, o primeiro tipo é denominado *idealismo abstrato*, onde a alma é mais estreita do que o mundo e cujo principal modelo é *Dom Quixote* (1605). Neste padrão, o indivíduo problemático sai a campo perseverantemente em busca do “sentido perdido” e fracassa quando em contato com o mundo, dando forma ao chamado “caráter demoníaco”: uma série de aventuras baseadas numa ação voltada sempre para fora do herói, em direção ao mundo externo, posto que lhe falta a consciência da problemática interna. Tal ação, caracterizada como demonismo, resulta do esquecimento da distância entre ideia e ideal; aqui, segue o teórico, o herói “deduz do dever-ser da ideia a sua existência necessária e enxerga a falta de correspondência da realidade a essa exigência *a priori* como o resultado de um feitiço nela operada por mais demônios (...)”, de tal modo que a própria alma não é afetada interiormente por nada que lhe é exterior a não ser a obsessiva ideia de transcendência do *dever-ser*, tornando-se, desse modo, loucura. Em suma: “o demonismo do estreitamento da alma é o demonismo do idealismo abstrato” (*ibid.*, p. 100).

Segundo tal configuração, Honoré de Balzac (1799-1850) é designado por Lukács como pertencente ao modelo do idealismo abstrato. Mais especificamente, quando Lukács comenta o empreendimento balzaquiano, ele afirma que se trata de uma:

relação inadequada com o mundo objetivo agravada à máxima intensidade, porém esse agravamento experimenta um contragolpe de pura imanência: o mundo externo é puramente humano e, no essencial, acha-se povoado de homens que revelam uma estrutura espiritual semelhante, embora com orientações e conteúdos inteiramente diversos (*ibid.*, p. 114)

Trata-se, por conseguinte, de uma “inadequação demoníaca”, cuja “série infinda de almas agindo fatalmente umas ao largo de outras” acaba por se tornar a “essência da realidade” (*ibidem*). Ora, como é sabido, Balzac buscava ser o “secretário da França” (BALZAC, 2011, p. 26)² e prover o diagnóstico de toda a sociedade pós-napoleônica da

¹ Ou ainda: “A epopeia dá forma a uma totalidade vida fechada a partir de si mesma, o romance busca descobrir e construir, pela forma, a totalidade oculta da vida (...). Assim, a intenção fundamental determinante da forma do romance objetiva-se como psicologia dos heróis romanescos: eles buscam algo. O simples fato da busca revela que nem os objetivos nem os caminhos podem ser dados imediatamente (...)” (*ibid.*, p. 60).

² “A Sociedade francesa seria o historiador, eu apenas o secretário, só fazer o inventário dos vícios e das virtudes, reunindo os principais fatos das paixões, pintando os caracteres, escolhendo os acontecimentos principais da

forma mais clara possível através das 88 narrativas que compõe *A comédia humana* (1829-1850). Nesta perspectiva, segundo Lukács, a imanência de sentido de totalidade buscada surge exatamente do confronto entre a *heterogeneidade* das obras particulares de Balzac e a *homogeneidade* da matéria, da *irracionalidade caótica* que orienta a essência íntima da matéria em questão, ou ainda se quisermos, *que orienta a essência da sociedade em questão*. Surge, portanto, um conteúdo que preenche a unidade da obra: o da “autêntica e grande épica: a totalidade de um mundo” (LUKÁCS, op. cit., p. 114), numa espécie de recomposição daquele todo perdido da harmonia entre alma e mundo, como vimos acima.

Disso decorre que a chave explicativa da unidade da obra de Balzac, segundo o filósofo, não nasce puramente da forma. Antes, e tal ponto nos parece fundamental, o que faz do todo um verdadeiro todo é “a vivência de um estado de ânimo cujo fundamento de vida é comum e o reconhecimento de que essa vivência corresponde à essência da vida atual” (*ibidem*). Ora, mas se a totalidade é atingida, como realizar a análise da heterogeneidade das obras particulares?

Neste ponto, cabe-nos sublinhar a ressalva crítica que Lukács faz a tais esquematismos, no prefácio escrito para uma reedição de seu trabalho em 1962. Diz o filósofo que tal “bipartição altamente abstrata presta-se, na melhor das hipóteses, para elucidar alguns aspectos do *Dom Quixote* (...). Mas ela é por demais genérica para apreender intelectualmente toda a riqueza histórica e estética até mesmo desse romance em particular”. E segue ainda: “outros escritores incluídos nesse tipo, porém, como Balzac, são cingidos numa camisa de força conceitual que os distorce” (*ibid.*, p. 10). Esta observação indica o caráter *problemático* do enquadramento de Balzac no esquematismo de Lukács. Nosso argumento, como se verá, é que a obra *O pai Goriot* pode ser mais bem caracterizada como um romance de formação sobreposto a um idealismo abstrato, a depender do personagem.

Cabe salientar, porém, que não se trata de abandonar a tipologia lukacsiana de *A Teoria do Romance* no seu todo, mas sim entender como - aqui damos o primeiro passo lógico para a articulação de nossa hipótese - a heterogeneidade das obras balzaquianas não nos permite as caracterizar todas da mesma maneira (como idealismo abstrato) e, além disso, visualizar dentro da mesma obra mais de uma tipificação atuando. Analisemos, por conseguinte, à luz do esquema acima explicitado, os personagens do pai Goriot e de Eugène de Rastignac no romance *O pai Goriot*.

Sociedade, compondo tipos pela reunião de traços de diversos caracteres homogêneos, pode ser que eu consiga chegar a escrever a história esquecida por tantos historiadores, a dos costumes.” (BALZAC, 2011, p. 26)

O PAI GORIOT

Publicado em 1835, o romance apresenta o percurso formativo de Eugène de Rastignac, jovem provinciano recém-chegado a Paris, na sociedade da burguesia pós-revolucionária em formação, onde, por isso, já não há a estruturação fixa das classes a partir do domínio nobiliário, mas a possibilidade de ascensão ou declínio em função da riqueza. Ainda assim, o romance possui basicamente dois núcleos intratáveis, a Casa Vauquer – uma pensão burguesa localizada na rua Neuve-Saint-Genève, pertencente à Sra. Vauquer – e os salões parisienses da alta burguesia.

Ocorre que esses dois núcleos inicialmente intratáveis, um, pobre e subalterno, o outro, rico e aristocrático, acabam por se cruzar ao longo da narrativa. E isso sobretudo através dos dois personagens principais do livro, que conseguem transitar entre os núcleos: num movimento ascendente com Eugène de Rastignac, que sai do baixo mundo e pretende chegar à alta sociedade, como veremos à frente; e, em movimento contrário, Goriot, senhor que habita a pensão juntamente com Eugène. Goriot é um antigo vendedor de trigo aposentado que, logo após a Revolução Francesa, conseguiu ascender economicamente, proporcionando às suas duas filhas, Anastasie e Delphine, uma vida repleta de luxo na alta sociedade parisiense. No entanto, mesmo após gastar grande parte do que conseguiu acumular com o tipo de vida proporcionado a elas, recebe em troca apenas o desprezo, pois suas filhas passam a renegá-lo logo após o casamento e a plena inserção das mesmas na alta sociedade francesa. Renegado e desprezado, grande parte do romance expõe o processo de ruína econômica de Goriot em favor de suas filhas e, nesse entremeio, com o intuito de diminuir seus gastos, acaba indo morar na pensão Vauquer.

Não obstante tudo isso, o pai segue nutrindo amor incondicional por elas. De fato, sua alma nada questiona, aceita pacificamente situação tão incoerente, pois tudo o que lhe dá sentido na vida são as duas filhas e o amor que lhes é dirigido, expresso também na quantidade de dinheiro doado. Observemos aqui a presença do caráter demoníaco, tal como o ilustra Lukács ao se referir à forma do *idealismo abstrato*, que caracteriza o personagem Goriot. Ele parece ser o único personagem da obra a explicitar o amor sincero, a pureza de sentimentos em meio a uma sociedade notadamente egoísta. Um sentimento por assim dizer idealista o faz abdicar de tudo, de todas as suas riquezas e anular seu próprio ser em favor de suas filhas. Exagero tal que beira a loucura. Aproximamo-nos, pois, do demonismo heroico de Lukács, no qual “o mais puro heroísmo tem de tornar-se grotesco e que a fé mais arraigada tem de tornar-se loucura quando os caminhos para uma pátria transcendental tornaram-se

intransitáveis; que a mais autêntica e heroica evidência subjetiva não corresponde obrigatoriamente à realidade” (*ibid.*, p. 107). A semelhança com a descrição do pai Goriot é nítida, inclusive no seu caráter grotesco como se nota na seguinte descrição:

Foi emagrecendo pouco a pouco; suas panturrilhas murcharam; seu rosto, inflado pelo contentamento de uma alegria burguesa, esvaziou-se desmedidamente; sua testa franziu-se, seu maxilar se desenhou. No quarto ano de sua hospedagem na Rue Neuve-Sainte-Geneviève, ele não se parecia mais com ele mesmo. O bom macarroneiro de 62 anos que não parecia ter quarenta, o burguês grande e gordo, brincalhão, cujo ar galhofeiro alegrava os passantes, que tinha alguma coisa de jovem no sorriso, parecia ser um setuagenário idiota, vacilante, macilento. Seus olhos azuis outrora tão vivos ganharam tons desbotados e cinzentos, haviam empalidecido, não lacrimavam mais, e suas bordas vermelhas pareciam chorar sangue. A alguns ele dava horror, a outros piedade. Jovens estudantes de Medicina, tendo observado a descida de seu lábio inferior e medido o vértice de seu ângulo facial, declararam-no portador de cretinismo, depois de muito maltratá-lo sem nada concluir. Uma noite, depois do jantar, tendo a sra. Vauquer lhe dito em tom de pilhéria:
- Pois então! Aquelas suas filhas não vêm mais vê-lo? (BALZAC, 2016, p. 32-3).

Por esse motivo, Goriot será motivo de escárnio por parte de quase todos os personagens ao longo do romance. O seu amor desmesurado de pai, o seu critério de ação transfigurado em ideal abstrato é levado ao limite de sua própria morte. Tal qual os ideais da Revolução Francesa - liberdade, igualdade e fraternidade - acabam por tornar-se ideias abstratas perante a consolidação da dinâmica capitalista, o idealismo de Goriot, que o leva à morte, talvez encarne na obra o último e único interesse sincero e desinteressado. Por isso mesmo, Goriot não consegue se pôr em interação com os outros personagens. Seus hábitos, seus desprezos e suas angústias - enfim, sua alma - fazem parte de um mundo já perdido e a obsessão por uma ideia (amor puro) o leva, se não à loucura, pelo menos grotescamente ao único desfecho possível: a morte. Uma vez mais, distância entre ideia e ideal, para ficarmos nos termos lukacsianos.

Em síntese, vemos a tipologia romanesca do idealismo abstrato correspondendo ao personagem do pai Goriot e entendemos a necessidade de não abandonar o esquematismo lukacsiano. Entretanto, como vimos acima em afirmação do próprio Lukács, esta classificação pode elucidar alguns aspectos, como é o caso aqui, mas é incapaz de apreender todos os aspectos da obra. Somente se trabalharmos com algo como uma sobreposição dos modelos lukacsianos no romance em questão é que podemos apreendê-lo mais adequadamente.

É em vista disso que podemos perguntar: e como entender Eugène? Não parece funcionar, com ele, a mesma dinâmica que orienta as ações de Goriot. Por isso, a *primeira*

hipótese aventada por este trabalho é que, no caso de Eugène, lidamos com um típico personagem de romance de formação, cuja configuração, ao final, deverá estabelecer a harmonia entre o interior (sujeito) e o exterior (mundo). Mas como isso se dá?

EUGÈNE DE RASTIGNAC E O SENTIDO DE FORMAÇÃO

Sabemos que Eugène de Rastignac é um arrivista provinciano que busca chegar à alta sociedade parisiense. No entanto, o percurso para tal será sempre marcado por obstáculos, dificuldades, movimentos de idas e vindas que caracterizam ora um idealista abstrato - influência de sua origem provinciana - ora um ambicioso jovem que participa e aceita o mundo tal como ele é em sua crueza - fruto de desilusões e fracassos por ele experienciados. Pode-se mesmo dizer que o percurso do herói vai da romantização ao realismo do mundo, à sua integração nele³. Neste sentido, abordemos, mais de perto, o conceito do romance de formação.

Em linhas gerais, o romance de formação, de aprendizagem ou *Bildungsroman* diz respeito a uma forma literária que tem como referência *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* (1795), de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), obra de construção estética inédita no contexto alemão, mas ganhando diversas adaptações que refletem as transformações políticas e econômicas ocorridas nas estruturas da sociedade a qual o herói em formação busca integrar-se. O seu ponto-chave consiste na exposição do indivíduo imerso em um contexto histórico-social, vivenciando seu processo de formação através do enfrentamento de seus fins particulares contra as dificuldades e imposições que o mundo objetivo lhe opõe, tendo consciência ou não do processo. Nesta perspectiva, ao caracterizar o “romanesco”, no segundo volume de sua *Estética* (publicada por seu aluno Hotho somente em 1842), o filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) nos elucida como o romance de formação, chamado por ele de romanesco (embora não utilize o termo, claramente sua referência conceitual é o *Wilhelm Meister*), deriva dos romances de cavalaria, cujos heróis agentes “se encontram, enquanto indivíduos com seus fins subjetivos do amor, da honra, da distinção, ou com seus ideais de melhoria do mundo, em oposição à esta ordem

³ Nesta lógica, também, cabe-nos marcar a diferença do herói romântico para com o herói homogêneo e estático em sua interioridade das culturas fechadas. Este zigzaguar de sentimentos e hesitações das ações heroicas (ilustradas mais adiante) só podem existir a partir da dissolução da unidade alma-mundo presente na modernidade e na forma romance.

subsistente e à prosa da efetividade, as quais lhe colocam, de todos os lados, dificuldade no caminho” (HEGEL, 2015, p. 328). Em seguida, conclui:

mas estas lutas no mundo moderno nada mais são do que os anos de aprendizado, a educação do indivíduo na efetividade presente (...) pois o fim de tais anos de aprendizado consiste no fato de que o sujeito aprende com a experiência, que ele se forma com seus desejos e opiniões nas relações subsistentes e na racionalidade destas, se insere no encadeamento do mundo e adquire nele um ponto de vista adequado (*ibid.*, pp. 328-9).

Vê-se um percurso a ser trilhado pelo herói de forma ascendente, e isto significa para Hegel, um percurso que vai dos interesses mais particulares e subjetivos - em nosso caso, mais idealistas, ou mais abstratos - à compreensão da “racionalidade” do todo objetivo, do “encadeamento do mundo” e à sua correta inserção nos mecanismos deste. Isso, entretanto, não pode significar o conhecimento direto da racionalidade do mundo, mas antes deve exigir as ações falhas e os erros pelos quais o herói, ao final do percurso, pode rememorar a trilha por ele cursada e ver então *um sentido* de aprendizado já presente nos instantes aparentemente mais singulares e desconexos. Dessa maneira, somente no todo é que o sentido da trajetória pode aparecer e revelar, com isso, a racionalidade das relações subsistentes na qual o herói pode por fim se instalar, retomando deste modo a harmonia alma-mundo, mas agora na forma romance.

Conclui-se daí a centralidade da ação inter-humana para o sentido universal em prejuízo da mera contemplação. Assim também afirma Hans-Georg Gadamer (1900-2002), num raciocínio análogo ao de Hegel: “a formação como elevação à universalidade é pois uma tarefa humana” (GADAMER, 2003, p. 48). Em termos mais concretos, o que Lukács, no seu estudo sobre *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* de Goethe, chama de “realização dos ideais humanistas” (2006, p. 586) no seio da sociedade burguesa alemã, ao se referir ao sentido final do percurso de *Meister*, exige “um sacrifício do que é particular em favor do universal”, mais precisamente, em favor do “sentido universal e comunitário (...) em que ressoa um amplo contexto histórico” (GADAMER, op. cit., pp. 48-54). Dessa forma, o romance de formação deve, segundo preconiza *A Teoria do Romance*, partir de um “herói problemático” que aprende, por meio da “necessidade do fracasso” (LUKÁCS, 2009, p. 141), a se inserir na racionalidade ou encadeamento do mundo vigente, mas este último nada mais mostra do que a força dos laços comunitários universais em determinada configuração histórica.

Diante disso, o mesmo Lukács, no estudo sobre *Wilhelm Meister*, destaca que se, por um lado, o romance de Goethe aponta para o combate contra a “prosa da vida” (LUKÁCS, 2006, p. 591) de um capitalismo ainda incipiente, mas que já mostra os seus danos na

especialização, estreiteza e deformação da alma na divisão social do trabalho - representado sobretudo por Werner, cujos negócios se desenvolvem de modo satisfatórios, porém tanto sua personalidade quanto sua saúde mostram o esvaziamento do qual Wilhelm Meister tentou fugir ao longo de toda narrativa -; por outro lado, no entanto, e este ponto nos interessa, o romance combate igualmente “a revolta cega, a falsa poesia do romantismo” (*ibidem*), que busca se sublevar de forma “espontânea, contra a prosa da vida capitalista. Mas exatamente nessa imediatez ela é somente sedutora, contudo infrutífera” (*ibidem*). Diante deste duplo combate, resta o ideal humanista como critério de julgamento de ação tanto para a classe nobiliária quanto para a classe burguesa presentes no romance, estando este ideal mais bem representado na “realização da personalidade plenamente desenvolvida com que o Renascimento e o Iluminismo sonharam, e que na sociedade burguesa tem sempre permanecido como utopia (*ibid*, p. 586-588)”.

Em sentido similar e retomando a tipificação do romance de formação presente em *A Teoria do Romance* (curiosamente representado também pelo *Meister* de Goethe), elucida-nos o teórico húngaro como “seu tema é a reconciliação do indivíduo problemático, guiado pelo ideal vivenciado, com a realidade social concreta. Essa reconciliação não pode nem deve ser uma acomodação ou uma harmonia existente desde o início” (LUKÁCS, 2009, p. 138). Antes, a totalidade almejada tem de derivar da dissociação perdida alma-mundo, e a busca pelo sentido do todo perdido só pode ocorrer nas ações inter-humanas através dos fracassos vivenciados pelo herói num movimento de formação, a sua *Bildung*.

Ora, em *O pai Goriot*, é ao entrar em contato com a sua prima Beauséant que Eugène vê abrir-se a ele as portas da alta sociedade. Daí em diante, pode-se dizer que a harmonia alma-mundo é desfeita e a tensão dos polos passa a dar o tom ao romance, pois o mundo revelado ao jovem, e por ele cobiçado a partir de então, é rico em corrupção e rapinagem, sempre contrário aos seus ideais (abstratos). Vejamos este ponto com mais detalhes.

A certa altura do livro, o jovem visa estabelecer relação com uma filha de Goriot, Anastasie, mas é prontamente desprezado por esta, buscando por isso auxílio na figura de sua prima Mme. Beauseant, figura ativa e integrante da alta sociedade. É ela quem, pela primeira vez, escancara o *modus operandi* deste núcleo alto através de um discurso que lhe é desconcertante: “Pois muito bem, sr. de Rastignac, trate o mundo como ele merece. O senhor quer vencer, eu o ajudarei. O senhor sondará a profundidade da corrupção feminina, medirá o comprimento da miserável vaidade dos homens (...). Quanto mais friamente o senhor calcular, mais longe chegará. Bata sem piedade e será temido” (BALZAC, 2016, p. 80). Isso tudo seguido por uma reflexão interna do próprio Eugène e do narrador em seguida: “E o

dinheiro? gritava-lhe a consciência. Onde irá consegui-lo?"; "De repente, toda a riqueza ostentada na casa da condessa de Restaud brilhou diante de seus olhos (...) Ele viu o mundo como é: as leis morais impotentes entre os ricos, e viu na fortuna a *ultima ratio mundi*?" (*ibid.*, p. 82-83). O mais notável é que pouco antes, quando soube do sofrimento do pai Goriot ante o desprezo de suas filhas, "algumas lágrimas rolaram dos olhos de Eugène, recém-reanimado pelas puras e santas emoções da família, ainda sob o encanto das crenças jovens (...)" (*ibid.*, p. 77-78).

Com efeito, os diálogos acima nos evidenciam: 1) o momento da decepção amorosa do herói confrontado com a racionalidade do mundo em sua crueza; também 2) a sugestão de conversão interna de Eugène à racionalidade deste mundo e a necessidade de um novo critério de ação ("quanto mais friamente o senhor calcular, mais longe chegará"); 3) percepção de dissolução das leis morais e a ascensão do dinheiro como mediador social total ("e viu na fortuna a *ultima ratio mundi*"); mas 4) não sem antes considerarmos os relapsos idealistas, emotivos e divergentes da racionalidade desvendada. Tudo em movimento de oscilação ziguezagueante do herói que integra o seu doloroso processo de aprendizagem, permitindo-nos caracterizar a obra, por consequência, como um romance de formação.

Porém, fica ainda a questão: a que exatamente se referem, no caso de *O pai Goriot*, os conceitos mencionados de *prosa do mundo*, de Lukács, *racionalidade do mundo*, de Hegel, *reconciliação*, de Lukács, ou *elevação à universalidade*, de Gadamer? Ora, como vimos nas definições expostas acima, a referência da totalidade tradicional, a qual o herói acaba por se integrar ao fim de sua formação, é a forma típica do capitalismo incipiente alemão, sobretudo na pequena e impotente classe burguesa em formação, que conserva e aspira ao ideal de pleno desenvolvimento das faculdades humanas, utopia remanescente do renascimento e da revolução francesa. Mas estamos diante de tal cenário no caso de *O pai Goriot*? Se não, por onde se nota as alterações desta totalidade?

TOTALIDADE ÀS AVESSAS

Para responder às questões acima, começemos com uma afirmação central de Theodor W. Adorno (1903-1969), em suas *Lecturas de Balzac*, ao analisar a obra em questão:

o romance de Balzac vive da tensão entre as paixões humanas e uma *disposição do mundo* que, enquanto estorvo para a atividade, tende a não mais tolerá-las, a considerá-las como obstáculo à circulação social ordenada. Submetida a proibições e recusas, então como agora, a paixão exaspera-se até o frenesi (ADORNO, 2003, p. 143).

Com isso, a fim de entendermos melhor o sentido de totalidade presente na obra, devemos analisar o significado de “disposição de mundo” acima citada, e no romance talvez não haja ninguém melhor para explicitá-la que o personagem Vautrin. Este é o nome utilizado por Jacques Collin, uma espécie de chefe do submundo, ex-presidiário e foragido da polícia, ele se utiliza de diversas identidades falsas ao longo da *Comédia Humana* para se esconder das forças da ordem. Personagem extremamente imoral e manipulador, também habita a pensão, mas é preso ao final da obra para a surpresa dos pensionistas que, ironicamente, tinham grande apreço por ele. É na metade da narrativa, logo após mais um momento de crise ética de Eugène - pois este relutava em aceitar o dinheiro, pedido por ele mesmo a sua mãe e irmãs, a ser gasto com aquilo que necessitava para ser bem quisto na alta sociedade, querendo, em meio à crise, “renunciar à sociedade” (BALZAC, op. cit., p. 93) tal qual conhecera⁴, num claro relapso idealista, por assim dizer - que a aproximação definitiva entre os dois se dará. Diz Vautrin, colocando-se ao lado de Eugène: “Quanto a nós, nós temos ambição, temos os Beauséant como aliados e andamos a pé, queremos a fortuna e não temos um tostão (...) não censuro seus desejos” (*ibid.*, p. 103). E segue com uma constatação central para nosso trabalho: “Sabe como alguém abre seu caminho por aqui? Pelo brilho de gênio ou pela habilidade da corrupção. É preciso entrar nessa massa de homens como uma bala de canhão (...). A honestidade de nada serve (...). Assim, a corrupção é a arma da mediocridade que abunda, e você sentirá sua presença em toda parte.” (*ibid.*, p. 106).

Se o discurso de Mme. Beauseant havia reconduzido nosso herói para o caminho de sua formação, são agora as palavras de Vautrin que irão ressoar em Eugène a cada ação sua visando a almejada integração na alta sociedade. Vautrin pode ser considerado, com isto, um gênio fáustico⁵, uma espécie de força *negativa* agindo face ao herói, mostrando-lhe a verdade da sociedade que ele mesmo relutava em ver por conta de suas raízes idealistas. Vautrin é a própria exposição da *disposição do mundo* (ADORNO, op. cit., 143) apresentando-se em seus personagens mais periféricos, como assim o afirma o próprio narrador: “(...) esse homem, que deixou de ser um para tornar-se o protótipo de toda uma nação degenerada, de um povo

⁴ “O estudante sentiu suas entranhas roídas por uma intolerável sensação de calor. Queria renunciar à sociedade, não queria ficar com aquele dinheiro. Sentiu nobres e belos remorsos cujo mérito é raramente apreciado pelos homens quando julgam seus semelhantes (...)”. (BALZAC, op. cit., p. 93).

⁵ Não à toa, todas as vezes em que Vautrin aparece no romance há uma alusão ao próprio demônio, seja pelo cabelo vermelho, seja pelas metáforas utilizadas por Balzac para referir-se ao seu comportamento. Como ilustração, vejamos a cena de prisão de Vautrin: “Acompanhada de cabelos vermelho-tijolo curtos, que lhe davam uma impressão assustadora de força misturada com astúcia, essa cabeça e essa cara, em harmonia com o busto, eram inteligentemente iluminadas como que pelo *fogo do inferno*” (BALZAC, op. cit., p. 188); ou então, “Collin tornou-se um *poema infernal* em que foram pintados todos os sentimentos humanos, com exceção de um, o arrependimento” (*ibid.*, p. 190). Ainda sobre o papel de Vautrin e o mito fáustico na era do capital na obra de Balzac, ver DE OLIVEIRA, Regina Cibelle. Representações do mito fáustico em Balzac: o pacto na era do capital. *Lettres Françaises*, n. 20 (1), 2019.

selvagem e lógico, brutal e ágil” (BALZAC, op. cit., p. 190). Portanto, podemos agora afirmar que na marginalidade do sistema, nos excluídos e com ganas de ascensão, é onde se expõe a verdade do todo, seus mecanismos operativos e intrigas necessárias para se “chegar lá”. Ou dito de outro modo, “somente nas margens descobre-se o que sucede nas cloacas da sociedade, o submundo de sua esfera de produção” (ADORNO, op. cit., p. 138).

Isto posto, a totalidade produzida no romance, tal como formulara Lukács (2009), pode agora ser mais bem compreendida. Ela não será, de forma alguma, uma harmonia positiva como em um costumeiro romance de formação, onde, por fim, o sujeito formado deverá realizar aqueles ideais humanistas, tornando-se um ser humano melhor através da correta compreensão da racionalidade do mundo e de sua posição no mesmo, superando a prevalência da corrupção e mazelas de uma sociedade capitalista em formação ou então dos interesses meramente subjetivos. Antes, podemos dizer que no caso de *O Pai Goriot* tal totalidade se dá às avessas. Isso porque o seu motor dinâmico é, como diz Roberto Schwarz, em *Dinheiro, Memória e Beleza (O pai Goriot)*, a “transformação das qualidades pessoais em mercadorias” (SCHWARZ, 1981, p. 168) através do mediador dinheiro. Para o crítico, o papel deste último na obra é “referência absoluta de tudo o que acontece, o dinheiro deixa de ser um assunto entre outros. A sua *propriedade* de medir qualidades humanas numa escala quantitativa, tornando-as intercambiáveis e mercáveis, dita a forma interna do romance” (*ibid.*, p. 168-9); em opinião concordante com Adorno, para quem há no romance um movimento de “irresistível ascensão do princípio de intercâmbio” (ADORNO, op. cit., p. 139).

Ora, é tendo isso em mente que o diálogo entre Eugène e Vautrin ganha maior inteligibilidade. Diz Vautrin: “não há princípios, há apenas acontecimentos; não há leis, há apenas circunstâncias”; ao que responde Eugène: “Silêncio, senhor, não quero ouvir mais, o senhor me fará dúvida de mim mesmo. Neste momento, o sentimento é toda a minha ciência (...) ‘-Ele me disse cruamente o que a sra. de Beauséant teria dito com muito mais leveza” (BALZAC, op. cit., 112).

Desse modo, escancarada por Vautrin, a dinâmica do mundo irá, pouco a pouco, tomar conta do sentimento e dos princípios ainda incrustados em Eugène. E o meio pelo qual isso ocorre? O dinheiro. Schwarz afirma mesmo que a totalidade funciona através do espelhamento da alta e baixa sociedade francesa, como bem pudemos notar pelos discursos de Mme. Beauseant e de Vautrin: “ricos ou pobres, humildes, violentos, têm em comum a expectativa rapinante” (SCHWARZ, op. cit., p. 180). Isso porque a corrupção e o suborno de que falara Vautrin é parte de todos, pois tudo faz parte da transformação *da qualidade em*

quantidade: “a igualdade se realiza à medida que o falso todo subjuga a sua culpa a todas classes” (ADORNO, op. cit., p. 138).

Temos, portanto, uma sociedade que se anuncia como total, mas que, para tanto, necessita de todos os homens atuando sob o ponto de vista do mercado – do contrário, resta somente a morte, como vimos no caso do pai Goriot, cuja paixão particular e pura não cessou. Com efeito, a lógica da sociedade competitiva é levada às últimas consequências no romance e exclui-se qualquer aspecto cooperativo (SCHWARZ, op. cit., p. 180). Sobre o caótico movimento geral do sistema, das leis gerais do capital, tão bem simbolizados pela pensão da sra. Vauquer, que perde, em questão de horas e poucas páginas, quase todos pensionistas ali hospedados.

Ora, mas pode-se ainda objetar à argumentação aqui desenvolvida: e o amor de Eugène pela sra. de Nuncigen, a outra filha do pai Goriot? O que ele sente parece ser amor e se assim o for, temos um movimento duplo que parece não concordar: por um lado, toda fixação das paixões humanas deverá ser subjugada perante a dinâmica do mundo, da expansão do todo e transformação de todos em quantitativamente intercambiáveis; por outro lado, a paixão de Eugène é o remédio que faz face ao sistema, a negação deste último por meio dos atos desinteressados. Permite um sistema destruidor de toda particularidade qualitativa a manutenção da *grande paixão* do jovem? Como resolver tal paradoxo?

A resposta nos é oferecida por Schwarz, para quem “o sistema, ao destruir as relações qualitativas particulares, não só deixa que subsista o anseio pela relação preferencial e privilegiada (...) *como parece exigir essa fixação particularista*” (*ibid.*, p. 184). De fato, a lei de equivalência geral, que em sua marcha dissolve todas as formas de tradicionalismos e particularidades irracionais, não alcança sua última consequência como poderia parecer. Antes, é por existirem vinculações irracionais e particulares (ou se quisermos, puras) que a competição individualista e excludente pode ter lugar, pois de outra forma, os amores e posições sociais perderiam o sentido e a própria luta para se chegar à alta sociedade, para se conquistar este ou aquele amor, não seria exclusivista e competitiva⁶. A manutenção desta aparente contradição origina e repõe o círculo monetário daí derivado: “mas os instintos não desaparecem de todo nos esquemas sociais. Aderem-se aos bens ainda sumamente inacessíveis” (ADORNO, op. cit., p. 143), caso do amor e da posição social almejada. E,

⁶ Assim nos explica Schwarz: “Contra-senso? Não, pois existe uma forma de consciência, a de que Balzac trata, que se afirma pela destituição das mais: o interesse pelo dinheiro. Para ser consistente em coisas de dinheiro é preciso ser inconsistente nas outras, conforme a conveniência financeira dite. Os elementos duráveis e concretos de que se compõe a unidade da pessoa – preferência, fixações, maneiras – são *avaliados*, tornados equivalentes na busca do dinheiro. A inconsistência é a consistência nessa *civilização*, cuja consistência, por sua vez, está na inconsistência de seus membros” (op. cit., p. 170).

desta forma, a avareza, cobiça ou o afã de promoção social estão “a serviço do capitalismo expansivo, o qual, até que não esteja completamente assimilado, necessita das energias suplementares dos indivíduos” (*ibidem*). Um lado, portanto, subsiste e é repostado pelo outro.

Somente ao final a formação se completa. Em uma sequência espetacular, acompanhamos a morte e o sepultamento do pai Goriot, como sabemos encarnação do idealismo abstrato e do particular, e imediatamente vemos Eugène tomar consciência dos meios de sua integração - como se a figura do pai Goriot e tudo o que ele representava sustentasse aquele resto de idealismo presente no próprio Eugène, o que reestabelecia a tensão alma-mundo em seu interior, mas que chega ao fim com a morte daquele personagem e o fecho da *Bildung* deste. Somente então a verdade do discurso de Vautrin se mostra integral e já sem risco de *fixações puras* por parte do nosso herói, ou melhor, como se viu, a verdade da totalidade deve ser resposta por meio das próprias fixações, estas como servidoras da engrenagem social desvelada. Com efeito, a sentença proferida pelo narrador no início do romance - “o carro da civilização, qual o ídolo de Jaggernat, apenas atrasado por um coração menos fácil de ser esmagado do que os outros e que lhe freia a roda, logo o quebrou e continua seu desfile glorioso” (BALZAC, op. cit., p. 8) - revela sua verdade ao final do livro com o olhar de Eugène sobre Paris e com suas palavras: “- Agora é entre nós dois”, dirigindo-se, em seguida, à casa da sra. de Nucingen (*ibid.*, p. 268).

Uma totalidade apreendida, internalizada, mas que tem o sinal apontado para o ordenamento caótico da cobiça, corrupção e avareza. Não a formação espiritual do herói rumo ao saber correto da racionalidade do mundo ou a utopia de pleno desenvolvimento de suas faculdades, mas ao contrário, sua integral inserção numa espécie de *totalidade negativa* da sociedade pós-napoleônica, cujo elemento unificador dos interesses pessoais e das classes sociais é o dinheiro. Tal alteração modifica, ao mesmo tempo, o critério de ação do herói, abandonando este o horizonte de ideais humanistas em favor da cobiça e corrupção. O movimento de formação do nosso herói se torna, finalmente, mais claro: à medida que o andar ziguezagueante de Eugène perde os resquícios daquele idealismo abstrato - o qual talvez satisfizesse o ainda não-problematizado esquematismo lukácsiano, como vimos - proveniente de suas origens provincianas, as suas fixações particulares, ocorre o movimento diametralmente oposto de ascensão do dinheiro como meio de equivalência geral, suprassumindo⁷ neste último aqueles primeiros. Ou seja, não menos que *uma totalidade às avessas*.

⁷ No sentido já tradicional da tradução para a palavra alemã *Aufhebung*. Como exposto na filosofia hegeliana, o termo é, de maneira geral, compreendido como “negar” e “conservar”, pois quando algo é suprassumido, ele

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos mostrar neste trabalho, primeiramente, em que sentido o romance *O pai Goriot* pode ser compreendido como um romance de formação. Para tanto, comentamos brevemente a tipologia lukácsiana do romance, problematizando a caracterização do livro como idealismo abstrato e defendendo a ideia de uma sobreposição de formas típicas na mesma obra. Na sequência, passamos pelo conceito de romance de formação, pretendendo, com isso, explicitar o percurso do jovem Eugène de Rastignac rumo à totalidade. Por último, argumentamos que tal totalidade não era aquela harmonia do todo racional e humanista de uma incipiente burguesia alemã em ascensão. No caso francês, a harmonia se torna perversão, a adaptação à *prosa do mundo* é, na verdade, a explicitação de uma sociedade fundada na cobiça, avareza e corrupção. Em suma, “tudo se resume a ‘ouro e prazer’. Esta busca incessante e desgastante” (MACHADO, 2006, p.13). Diante disso, buscamos expor como a totalidade que se apresenta na obra é a transformação da qualidade em quantidade, subsumindo personagens, valores e histórias para dentro do glorioso desfile do ídolo Jaggernat.

sai da imediatidade para um estado mediado, ou seja, uma operação de negação que tem como resultado uma determinação positiva de complexificação da anterior, não sendo, logo, uma simples negação: “Por aufheben entendemos primeiro a mesma coisa que ‘hinwegräumen’ [abrogar], ‘negieren’ [negar], e por conseguinte dizemos, por exemplo, que uma lei, um dispositivo são ‘aufgehoben’ [ab-rogados]. Mas além disso significa também o mesmo que *aufbewahren* [conservar], e nesse sentido dizemos que uma coisa está ‘wohl aufgehoben’ [bem conservada]” (HEGEL, 1995, p. 194).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Lectura de Balzac. In: **Notas sobre Literatura**. Madrid: Akal, 2003.
- BALZAC, Honoré de. **Estudos de mulher**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- _____. **O pai Goriot**. São Paulo: Mediafashion, 2016.
- DE OLIVEIRA, Regina Cibelle. **Representações do mito fáustico em Balzac: o pacto na era do capital**. *Lettres Françaises*, vol. 1, nº. 20, 2019.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HEGEL, Georg W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio**. Volume I – A Ciência da Lógica. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- _____. **Estética**, vol. II. São Paulo: Edusp, 2015.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. “Posfácio”. In: GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- MACHADO, Ivan Pinheiro. “A comédia humana”. In: BALZAC, Honoré de. **O pai Goriot**. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- SCHWARZ, Roberto. “Dinheiro, Memória e Beleza (O pai Goriot)”. In: **A sereia e o desconfiado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.